

Fundamentos para o Ensino da Leitura e da Escrita

Geralda de Oliveira Santos Lima



São Cristóvão/SE
2011

Fundamentos para o Ensino da Leitura e da Escrita

Elaboração de Conteúdo
Geralda de Oliveira Santos Lima

Projeto Gráfico
Neverton Correia da Silva
Nycolas Menezes Melo

Capa
Hermeson Alves de Menezes

Diagramação
Neverton Correia da Silva

Copyright © 2011, Universidade Federal de Sergipe / CESAD.
Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização por escrito da UFS.

FICHA CATALOGRÁFICA PRODUZIDA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

L732f Lima, Geralda de Oliveira Santos
Fundamentos para o ensino da leitura e da escrita / Geralda de Oliveira Santos Lima -- São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2011.

1. Leitura (Ensino superior). 2. Escrita. 3. Cognição.
4. Educação. 5. Semiótica. I. Título.

CDU 801.73

Presidente da República
Dilma Vana Rousseff

Ministro da Educação
Fernando Haddad

Diretor de Educação a Distância
João Carlos Teatini Souza Clímaco

Reitor
Josué Modesto dos Passos Subrinho

Vice-Reitor
Angelo Roberto Antonioli

Chefe de Gabinete
Ednalva Freire Caetano

Coordenador Geral da UAB/UFS
Diretor do CESAD
Antônio Ponciano Bezerra

coordenador-adjunto da UAB/UFS
Vice-diretor do CESAD
Fábio Alves dos Santos

Diretoria Pedagógica
Clotildes Farias de Sousa (Diretora)

Diretoria Administrativa e Financeira
Edélzio Alves Costa Júnior (Diretor)
Sylvia Helena de Almeida Soares
Valter Siqueira Alves

Coordenação de Cursos
Djalma Andrade (Coordenadora)

Núcleo de Formação Continuada
Rosemeire Marcedo Costa (Coordenadora)

Núcleo de Avaliação
Hérica dos Santos Matos (Coordenadora)

Núcleo de Tecnologia da Informação
João Eduardo Batista de Deus Anselmo
Marcel da Conceição Souza
Raimundo Araujo de Almeida Júnior

Assessoria de Comunicação
Guilherme Borba Gouy

Coordenadores de Curso
Denis Menezes (Letras Português)
Eduardo Farias (Administração)
Paulo Souza Rabelo (Matemática)
Hélio Mario Araújo (Geografia)
Lourival Santana (História)
Marcelo Macedo (Física)
Silmara Pantaleão (Ciências Biológicas)

Coordenadores de Tutoria
Edvan dos Santos Sousa (Física)
Raquel Rosário Matos (Matemática)
Ayslan Jorge Santos da Araujo (Administração)
Carolina Nunes Goes (História)
Viviane Costa Felicíssimo (Química)
Gleise Campos Pinto Santana (Geografia)
Trícia C. P. de Sant'ana (Ciências Biológicas)
Vanessa Santos Góes (Letras Português)
Lívia Carvalho Santos (Presencial)
Adriana Andrade da Silva (Presencial)

NÚCLEO DE MATERIAL DIDÁTICO

Hermeson Alves de Menezes (Coordenador)
Marcio Roberto de Oliveira Mendonça

Neverton Correia da Silva
Nycolas Menezes Melo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
Cidade Universitária Prof. "José Aloísio de Campos"
Av. Marechal Rondon, s/n - Jardim Rosa Elze
CEP 49100-000 - São Cristóvão - SE
Fone(79) 2105 - 6600 - Fax(79) 2105- 6474

Sumário

AULA 1

Estudo do texto sob uma perspectiva sociocognitivo-interacional 07

AULA 2

Cognição, texto/discurso e contexto: um diálogo em
torno de grandes temas..... 21

AULA 3

Gêneros e tipos textuais: um estudo para o ensino da
leitura e da escrita 33

AULA 4

Domínios discursivos de produção, circulação e recepção dos
gêneros textuais 45

AULA 5

Referenciação: um fenômeno textual-discursivo dos
mais relevantes para o ensino da leitura e da escrita 55

AULA 6

Oralidade e escritura: duas propostas de ensino para a
leitura significativa através do texto..... 71

AULA 7

Estratégias de leitura: um estudo sobre a compreensão
dos sentidos do texto.....85

AULA 8

Prática de leitura sob uma visão sociocognitiva e interacional 97

AULA 9

Trabalhando a leitura e a escritura como prática social
no desenvolvimento de competências na sala de aula 109

AULA 10

A Literatura infanto-juvenil e a formação do leitor crítico.....119

Aula 1

ESTUDO DO TEXTO SOB UMA PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVO- INTERACIONAL

META

Apresentar a evolução da Linguística de Texto no rol das ciências da linguagem, tomando como pressuposto teórico-analítico a concepção de que o texto é visto como lugar de interação social de sujeitos do discurso, os quais, interativamente, nele se constituem e são constituídos;
tratar, inicialmente, de uma série de conceitos como base para o desenvolvimento dos outros capítulos deste manual.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
pensar o texto como lugar de constituição e de interação de sujeitos sociais, em que convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais;
reconhecer qual é a concepção de texto, entre as apresentadas, mais adotada por professores na sala de aula;
investigar como o texto/discurso é apresentado, compreendido, interpretado e produzido no ambiente escolar.

PRÉ-REQUISITOS

Como ponto de partida para as reflexões que serão feitas nesta primeira unidade, é de suma importância rever conhecimentos prévios sobre conceitos de língua, já que as conceituações de texto e de sujeito variam de acordo com a de língua que seja adotada. Para isso, indicamos a parte I do livro “Desvendando os segredos do texto” de Ingedore Koch (2002), cuja leitura poderá ser de grande proveito, para a compreensão desta aula, vale a pena ler o texto proposto.

Geralda de Oliveira Santos Lima

INTRODUÇÃO

Car@ estudante,

Para iniciarmos esta disciplina, sentimos que é preciso, antes de tudo, fazer uma reflexão mais ampla acerca dos estudos da linguagem, levando-se em conta, principalmente, o fato de que esse fenômeno funciona como um instrumento mediador entre o homem e o mundo. E o que pretendemos aqui é, justamente, mostrar a você, sob o ponto de vista sociocomunicativo, uma certa maneira de olhar a linguagem, o sujeito e o mundo (a realidade em que se vive). Para Marcuschi (2005, p. 52), as coisas (os objetos) não estão no mundo da forma como as comunicamos aos outros. “A maneira como nós dizemos aos outros as coisas é decorrência de nossa atuação intersubjetiva sobre o mundo e da inserção sociocognitiva no mundo em que vivemos”. Para ele, o mundo comunicativo é sempre fruto de um agir intersubjetivo diante da realidade.

Para uma melhor compreensão e/ou entendimento deste estudo, distribuímos os capítulos que fazem parte do manual de forma a conduzi-lo naturalmente no processo de apropriação do saber na área da Linguística com ênfase na Linguística de Texto de base sociocognitiva. Nossa proposta é, pois, apresentar, de forma simples e didática, os fundamentos para o ensino da leitura e da escrita sob uma abordagem sociocognitiva e interacional, focando sobre a necessidade de se criar e cultivar hábitos de leitura e de escrita entre crianças, jovens e adultos, procurando mostrar a importância dessa prática, nas atividades discursivas e interacionais do cotidiano.

A leitura dos capítulos, mais do que informar acerca dos principais assuntos sobre os quais nos debruçamos, procura oferecer um panorama teórico-prático das principais estratégias que o(a) leitor(a)/escritor(a) tem à sua disposição para, no momento da leitura/escritura, tomar como ponto de partida não só as pistas que os textos lhe oferecem durante o desenvolvimento dessa prática pedagógica, como também todo um conjunto de indícios que os textos fornecem e articulam para que os sentidos (a coerência) sejam (re)elaborados por cada leitor, à sua maneira. Portanto, para começarmos esta nossa caminhada, vamos apresentar, inicialmente, a discussão e/ou reflexão sobre algumas questões básicas que, no momento, têm permeado trabalhos acerca de estudos sobre concepções de linguagem, texto, gênero, discurso, sujeito, interação, sentido que subjazem à maioria das propostas analítico-discursivas em Linguística de Texto e seus desdobramentos.

LINGUAGEM, TEXTO, SUJEITO E INTERAÇÃO

A nosso ver, um dos maiores desafios para as ciências humanas tem sido tratar da questão da linguagem, em especial, a linguagem verbal, questão esta que não pode deixar de estar presente e de se transformar em um desafio no domínio da leitura e da escrita (estudos do texto/discurso). Emprega-se, frequentemente, a palavra linguagem para falar, em geral, do processo de comunicação. Por isso, é muito importante sempre mostrar com que noção de língua, de texto, de discurso e de sujeito se trabalha (Koch, 2002). Para tanto, temos como ponto de partida de nossas reflexões sobre o diálogo, que pode ser estabelecido entre esses grandes temas, a concepção sociocognitiva e interacional da linguagem, que

permite ao homem pensar e agir. Pois não há ação sem pensamento, nem pensamento sem linguagem. É também a linguagem que permite ao homem viver em sociedade. Sem a linguagem ele não saberia como entrar em contato com os outros, como estabelecer vínculos psicológicos e sociais com esse outro que é, ao mesmo tempo, semelhante e diferente. Da mesma forma, ele não saberia como constituir comunidades de indivíduos em torno de um ‘desejo de viver juntos’. A linguagem é um poder, talvez o primeiro poder do homem. Mas esse poder não cai do céu. São os homens que o constroem, que o amoldam através de suas trocas, seus contatos ao longo da história dos povos (CHARAUDEAU, 2008, p. 7).

Dentro dessa dinâmica discursiva, a realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como “nomeamos o mundo, mas, acima de tudo, pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele: interpretamos e construímos nossos mundos na interação com o entorno físico, social e cultural” (KOCH, 2002, p. 31). Ao se pensar questões de linguagem, podemos vê-la como uma atividade, como uma prática social, como um trabalho entre sujeitos que, através desse processo, organizam, interpretam e dão forma a suas experiências e à realidade em que vivem. A linguagem é, pois, tudo aquilo que permite a comunicação entre os homens.

Segundo opinião de Marcuschi (2005), a produção de categorias seria uma atividade sociocognitiva situada em contextos culturais específicos na tentativa de construir o conhecimento. Dentro dessa visão, é possível se observar que, no comum, os usuários de uma língua designam eventos, indivíduos, objetos físicos com nomes que, no geral, são compartilhados pela comunidade que os usa, pois todos aprenderam esses nomes dentro das mesmas experiências de vida. Dessa forma, as categorias são muito mais modelos socioculturais do que modelos mentais, tendo em vista seu processo de construção e reconstrução, interativamente, do discurso. Nesse sentido, não se toma a língua em termos de um sistema, mas de uma ação social.

Conforme essa concepção de linguagem como atividade interacional, Koch (2002) postula que a língua “não existe fora dos sujeitos sociais que a falam, e fora dos eventos discursivos nos quais eles intervêm e nos quais mobilizam seus saberes quer de ordem linguística, quer de ordem sociocognitiva, ou seja, seus modelos de mundo”. A língua é vista aqui como uma atividade social, uma prática coletiva realizada por todos os seus falantes. Sendo assim, a linguagem tem tanto uma dimensão individual e subjetiva, quanto uma dimensão coletiva e histórica. Nessa perspectiva, o sujeito é visto não só como um ser possuidor de inteligência, de estruturas cognitivas, mas também um sujeito social que juntamente com outros do grupo, em conjunto, constroem os referentes (objetos, entidades) textuais que são tomados como elementos que se constituem no discurso.

A língua é, portanto, uma fonte de possibilidades de trabalhar e retrabalhar as versões públicas do mundo (MARCUSCHI, 2005). Vê-se, pois, que o sujeito não é apenas enunciativo, mas também social e, nesta ação social, ele instaura e diz o mundo. As ações verbais são conjuntas, situadas, cognitivas e desenvolvidas na convivência humana que é social, cultural e histórica. O mundo comunicado é sempre fruto de um agir comunicativo ou de uma ação discursiva.

No interior dessa abordagem, o texto/discurso deve ser entendido como uma atividade que envolve tanto elementos linguísticos como sociocognitivos. Para Koch (2000), o texto é também considerado como um conjunto de “pistas” que são formadas por recursos linguísticos de diversos tipos. Estes são colocados à disposição dos usuários da língua, durante uma atividade sociodiscursiva, de modo a lhes facilitar não só a construção e reconstrução de sentidos, mas também a interação como prática sociocultural e cognitiva. No curso dessa atividade textual/discursiva, o sujeito mobiliza conhecimentos depositados na sua memória por meio de um conjunto de estratégias de processamento de caráter sociocognitivo e textual.

Diante do exposto, a compreensão dos sentidos de um texto requer não apenas a consideração dos elementos coesamente organizados na materialidade linguística, na superfície do texto, mas também a mobilização de um vasto conjunto de conhecimentos (linguístico, enciclopédico, interacional) que, no fundo, não se separam nitidamente e ainda colaboram para a construção e reconstrução dos próprios enunciados. Para um maior aprofundamento da questão, consulte Koch (2004), visto que muitas são as perspectivas teóricas nos estudos da linguagem, do texto/discurso e da interação. Em seguida, focalizamos um breve histórico dos estudos desenvolvidos pela Linguística de Texto, por meio de breves conceituações de texto, com as quais os pesquisadores dessa área vêm trabalhando ao longo dos últimos anos.

BREVE HISTÓRICO DAS PESQUISAS EM LINGUÍSTICA DO TEXTO

Há algumas décadas, entendia-se como texto apenas os escritos que empregavam uma linguagem cuidada e se mostravam “claros e objetivos”. Já não se pensa mais assim. Atualmente, com o avanço dos estudos linguísticos, discursivos, semióticos, verifica-se que os estudos da Linguística de Texto têm assumido importância e dimensões consideráveis, em âmbito multidisciplinar. E falando do texto verbal, podemos defini-lo, hoje, como qualquer produção linguística (oral ou escrita) que possa ter sentido numa situação de comunicação humana, ou seja, numa situação de interação entre sujeitos do discurso, por exemplo, uma conversa por telefone, uma aula, um e-mail, a fala de uma criança constituem textos.

A Linguística de Texto (doravante LT) sente necessidade de intensificar sempre mais o diálogo que já há muito vem travando com as demais Ciências. Assim é que essa disciplina não se furta de dialogar com outras correntes teóricas como a Psicologia Cognitiva e Social, a Filosofia da linguagem, a Antropologia, a Teoria da Comunicação, a Semântica Argumentativa, a Sociolinguística Interacional, a Análise da Conversação, a Literatura, as Ciências da Cognição, a Ciência da Computação, entre outras contribuições que lhe vão dando feição tão particular hoje, uma vez que a Gramática Funcional e a Gramática Formal já não lhe atendem amplamente as necessidades e os objetivos. Isso porque os próprios conceitos de texto foram retomados e enriquecidos por diversas novas formulações teóricas e revisões de concepções anteriores, tornando-se, assim, cada vez mais, “um domínio multi e transdisciplinar, em que se busca compreender e explicar essa entidade multifacetada que é o texto – fruto de um processo extremamente complexo de interação e construção social de conhecimento e de linguagem” (KOCH, 2002, p. 157).

Fenômeno esse unipresente com o qual lidamos cotidianamente em nossas práticas comunicativas, de tal forma que se pode considerá-lo como parte constitutiva de nossas vidas. Fenômeno ainda cujas diversas manifestações nos são familiares e reconhecíveis, mas para o qual não consta haver uma definição teórica que satisfaça concomitantemente a todos os campos de pesquisa que o abordam (BENTES; REZENDE, 2008). Estes autores buscam apresentar e problematizar elaborações teóricas da concepção de texto verbal produzidas no campo específico da ciência linguística. Para isso, procuram retomar e discutir os conceitos produzidos desde a abordagem formalista-estruturalista do texto enquanto artefato linguístico fechado e autoconsistente até a abordagem sociocognitivo-interacional do texto enquanto produto/processo sociocultural não-fechado e não-autoconsistente por estar sujeito a “contínuo movimento” nas práticas sociais.

Diante disso, pareceria óbvio, iniciar a elaboração deste manual sobre “os fundamentos para o ensino da leitura e escrita”, com a afirmação de que o objeto de investigação da LT é o texto, se não nos deparássemos com a ainda complexa e imprecisa definição dessa unidade de análise. Se não podemos conceituar, com precisão, o que é texto, é possível, no entanto, buscar um conjunto de traços que revelem muitos dos pressupostos hoje assumidos por essa abordagem teórica e compartilhados parcialmente com outras correntes que se debruçam sobre texto, discurso, interação, socio-cognição e argumentação (CAVALCANTE et al, 2010).

Assim, em seguida, focalizaremos algumas noções de texto, para depois, tratarmos da influência desses estudos no processo do ensino da leitura e da escrita. Sabe-se que, de acordo com a perspectiva teórica adotada, um mesmo objeto pode ser visto sob pontos de vista diversos. Para Koch (2000), o conceito de texto não foge à regra, já que varia conforme o(a) autor(a) e/ou a orientação teórica que se adota. Entre as várias concepções possíveis, a pesquisadora destaca as definições a seguir, ressaltando, entretanto, que estes pontos de vista se imbricam em determinadas situações discursivas:

1. texto como frase complexa ou signo linguístico mais alto na hierarquia do sistema linguístico (concepção de base gramatical);
2. texto como signo complexo (concepção de base semiótica);
3. texto como expansão tematicamente centrada de macroestruturas (concepção de base semântica);
4. texto como ato de fala complexo (concepção de base pragmática);
5. texto como discurso ‘congelado’, como produto acabado de uma ação discursiva (concepção de base discursiva);
6. textos como meio específico de realização da comunicação verbal (concepção de base comunicativa)
7. texto como processo que mobiliza operações e processos cognitivos (concepção de base cognitiva);
8. texto como lugar de interação entre atores sociais e de construção interacional de sentido (concepção de base sociocognitivo-interacional).

(KOCH, 2004, p. xii).

A LT, na sua trajetória (desde suas origens até nossos dias), como você pode verificar, foi adotando diferentes concepções de texto. Os conceitos, por mais interessantes que sejam em certos contextos históricos, resultam de um longo processo de reflexões, de idas e vindas, de disputa de / ou entre diferentes sujeitos acerca de determinado objeto em um dado campo do conhecimento.

Na época do surgimento da LT, em uma primeira fase dos estudos sobre texto, na metade dos anos 1960 e início dos anos de 1970, pode-se verificar que muitos estudiosos debruçaram-se sobre a análise transfrástica e a gramática do texto, entre os quais, pode-se citar Isenberg (1971), Halliday e Hasan (1976), apud Koch (2002). O texto à época era considerado

frase complexa, ou signo linguístico. Acreditavam que as propriedades definidoras da construção de um texto estariam expressas, sobretudo, no modo de organização do material linguístico, no aspecto formal. O objeto de estudo era a coerência e a coesão, ambas consideradas qualidades, muitas vezes indistintas, do texto. Nesse sentido, o texto é visto como um produto acabado, delimitado, com um início e um final mais ou menos explícito, considerado como um “complexo de proposições semânticas” (KOCH, 2002, p. 21).

Leia também

A resenha sobre o livro *Cohesion in English* de Halliday & Hasan (por Valquíria Borba, no seguinte link: < http://www.revel.inf.br/site2007/_pdf/6/resenhas/revel_6_cohesion_in_english.pdf>

Com o surgimento das teorias de base comunicativa, nos anos de 1970, adotando uma perspectiva pragmático-enunciativa, passou-se a postular a concepção de texto como ato de fala complexo, considerado no processo mesmo de sua constituição e não mais como produto acabado. Obras de estudiosos como Dressler (1972), Schmidt (1973), Isenberg (1976), entre tantos outros linguistas do texto, ainda no início dessa década, postulavam uma pragmática integrada à descrição linguística, a qual seria determinante das próprias escolhas sintáticas e semânticas. Com isso, as pesquisas em LT ganham uma nova dimensão, conforme a expoente Koch (2004), já não se trata de investigar a língua como sendo um sistema autônomo, mas sim o seu funcionamento nos processos comunicativos de uma sociedade concreta. Os textos passam a ser considerados elementos de uma atividade complexa, como instrumentos de realização de intenções comunicativas e sociais do falante.

Na década de 1980, o conceito de texto passou a ser construído em dada situação de interação, em função da atuação de uma complexa rede de fatores de ordem linguística, cognitiva, sociocultural e interacional. É justamente nessa época que surge com maior ênfase o interesse pelo processamento cognitivo do texto. Van Dijk (1981), um dos fundadores da LT, foi um dos responsáveis não só pela “virada pragmática ou comunicativa”, como também um dos pioneiros da introdução de questões de ordem cognitiva no estudo da produção, compreensão e funcionamento dos textos. Para esse linguista, a compreensão de um texto obedece a regras de interpretação pragmática, de modo que o sentido do texto não se estabelece sem se levar em conta a interação, bem como as crenças, desejos, preferências, normas e valores dos interlocutores.

A partir desse momento (década de 80), delineia-se uma nova orientação

nos estudos do texto. Com o crescimento cada vez maior das pesquisas no campo da cognição, “a virada cognitivista” da LT, as questões direcionadas, por exemplo, ao processamento do texto, às formas de representação do conhecimento na memória, entre outras, passam a ver o texto como resultado da ativação de processos mentais (modelos cognitivos), passando, assim, a ocupar o centro de interesse de diversos estudiosos da área. A título de exemplificação, podem-se destacar estudos de Beuagrande e Dressler (1981), Charolles (1983), Van Dijk (1988), entre os de tantos outros pesquisadores.

Na década de 1990, as especulações a respeito da separação entre fenômenos mentais e sociais motivaram “a virada discursiva”. Numa perspectiva bakhtiniana, a LT adotou uma concepção sociocognitivo-interacional ou dialógica da língua, “na qual os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação e os locutores, sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por ele são construídos” (KOCH, 2008, p. 19).

A partir de então, e com base nesses pressupostos teóricos, têm surgido uma série de questões relevantes para a compreensão do processamento do texto e passam a ocupar o centro de novas investigações, como a referencialização; as formas de progressão textual: (i) progressão temática, (ii) progressão referencial, (iii) progressão tópica, (iv) articulação textual; a dêixis textual; o processamento sociocognitivo do texto; os gêneros textuais; a intertextualidade, entre tantas outras questões teórico-analíticas que se encontram fundamentadas nos trabalhos de Mondada e Dubois ([1995] 2003), Van Dijk (2004), Adam (2008), Hanks (2008). Aqui, no Brasil, vários estudiosos têm desenvolvido, também, muitos trabalhos sob tal perspectiva, como Marcuschi (1998, 2006), Koch (2002, 2004, 2008), Koch e Marcuschi (1998), Cavalcante et al. (2010), Bentes, Ramos e Alves Filho (2010), Koch, Bentes e Cavalcante (2007), Gomes-Santos et al. (2010).

Sob uma perspectiva sociocognitiva e interacional da linguagem, podemos, a nosso ver, postular que o ensino do texto não se limita, apenas, à organização do material linguístico, visto como produto acabado, delimitado, mas, sim, como um processo, ao mesmo tempo em que a linguagem humana é utilizada para interagir (comunicar-se) com o(s) outro(s) e/ou com o mundo. Diante disso, o texto traça um papel marcante no ensino da leitura e escrita. Como bem diz Marcuschi (apud GOMES-SANTOS et al, 2010, p. 316), ao mencionar o lugar do texto na prática escolar: “desde os anos 80 do século XX, admite-se de forma quase unânime que o texto é o melhor ponto de partida e chegada para o tratamento da língua em sala de aula”.

A partir desse panorama, esperamos que você tenha compreendido não só o que foi exposto, aqui, mas também a importância dessas concepções para o aprofundamento dos fundamentos para o ensino da leitura e da escrita.

Leia também

A entrevista com Jean Paul Bronckart sobre o interacionismo sociodiscursivo no link abaixo:

<http://www.revel.inf.br/site2007/_pdf/6/entrevistas/revel_6_entrevista_bronckart_port.pdf>.

CONCLUSÃO

Ao se pensar questões de linguagem, podemos vê-la como uma atividade, como um trabalho entre sujeitos que, através desse processo, organizam, interpretam e dão formas a suas experiências e à realidade em que vivem. A linguagem é, portanto, tudo aquilo que permite a comunicação entre os homens: linguagem verbal (oral e/ou escrita), linguagem dos sinais, linguagem da música, linguagem da pintura, linguagem do corpo, linguagem da dança. Ela é a expressão de nossos desejos e sentimentos, de nossas ideias, uma vez que, por meio dela dialogamos, transmitimos (e recebemos) informações e conhecimentos, manifestamos emoções, atitudes e desejos. Usamos, de fato, a linguagem em quase tudo que fazemos no nosso dia a dia, já que a sua finalidade é a comunicação. Esse fenômeno dá ao homem possibilidades de construir mundos, de criar realidades, de evocar acontecimentos não presentes. A linguagem humana é, pois, a condensação de todas as experiências históricas, culturais, sociais, políticas de uma dada comunidade.

Dica de filme

Assista o filme TAPETE VERMELHO - Quinzinho (Matheus Nachtergaele) tem uma promessa a cumprir: levar seu filho, Neco (Vinícius Miranda), à cidade para assistir a um filme do Mazaropi. Eles moram num pequeno sítio no interior de São Paulo. Nessa verdadeira odisséia por cidades do interior paulista, ele também leva sua esposa Zulmira (Gorete Milagres), que parte a contragosto, e o burro Policarpo. Na jornada, eles encontram peculiaridades regionais e passam por situações mágicas, relacionadas à crendice popular.

Fonte do texto: < [http://pt.wikipedia.org/wiki/Tapete_Vermelho_\(filme\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tapete_Vermelho_(filme))> Acesso em 16/07/2011.



RESUMO

Este capítulo teve como principal objetivo mostrar algumas concepções de linguagem, língua, sujeito, interação, aqui parcialmente descritas, como base para o desenvolvimento dos outros capítulos deste manual, as quais permitem constatar a grande complexidade do processo de construção de textos oral e/ou escrito. Como também apresentamos a evolução da Linguística de Texto no rol das ciências da linguagem, tomando como pressuposto teórico-analítico a concepção de que o texto é visto como lugar de interação social de sujeitos do discurso, em que convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais. Para tanto, tomemos como ponto de partida de nossas reflexões a concepção sociocognitiva e interacional da linguagem, a qual “permite ao homem pensar e agir. Pois não há ação sem pensamento, nem pensamento sem linguagem” (CHARAUDEAU, 2008, p. 7). Dentro dessa dinâmica discursiva, a realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como “nomeamos o mundo, mas, acima de tudo, pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele” (Koch, 2002, p. 31). A língua é vista aqui como uma atividade social, uma prática coletiva realizada por todos os seus falantes. Nessa perspectiva, o sujeito é visto não só como um ser possuidor de inteligência, de estruturas cognitivas, mas também um sujeito social que juntamente com outros do grupo, em conjunto, constroem os objetos textuais que são tomados como elementos que se constituem no discurso. No interior dessa abordagem, o texto/discurso deve ser entendido como uma atividade que envolve tanto elementos linguísticos como sociais e cognitivos, visto que o sujeito mobiliza conhecimentos depositados na sua memória por meio de um conjunto de estratégias de processamentos de caráter textual, cognitivo e interacional.



ATIVIDADES

Agora, tomando como base o que discutimos, até aqui, e levando em consideração concepções de linguagem, língua, texto, sujeito, interação, você vai:

- Apontar as diversas concepções do texto elencadas, nesta aula, segundo postula Koch (2000);
- Mostrar características e/ou especificidades que vão distinguir uma noção da(s) outra(s), ressaltando que estes pontos de vista se imbricam em determinadas situações discursivas;
- E, para finalizar, perguntamos: qual a influência desses estudos no processo do ensino da leitura e da escrita, sabendo-se que, de acordo com a perspectiva teórica adotada, um mesmo texto pode ser visto sob perspectivas diversas?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Como já sabemos que, conforme a perspectiva teórica que se adote, o conceito de texto pode ser concebido de maneiras diversas, ou melhor, varia conforme o autor e/ou a orientação teórica adota. Isso, você pode verificar, relendo a respeito da trajetória da Linguística de Texto, desde suas origens até nossos dias, como já destacamos anteriormente. Com esta atividade, você terá oportunidade de observar que os conceitos, por mais interessantes que sejam em certos contextos históricos, sociais, situacionais, culturais e linguísticos resultam de um longo processo de reflexões, de idas e vindas, de disputas de/ou entre diferentes sujeitos sociais a respeito de determinado objeto em um dado campo do conhecimento.

Você deve, também, atentar para a questão de que, conforme Koch e Elias (2007), o texto é lugar de interação de sujeitos sociais, os quais, dialogicamente, nele se constituem e são construídos. Logo, em decorrência dessa visão, postula-se que a leitura e a escritura de um texto exigem muito mais que o simples conhecimento linguístico, já que há, em todo texto, uma gama de implícitos apenas detectáveis pela mobilização dos contextos sociocognitivo e interacional. Esperamos, ainda, que você remeta a outras disciplinas sobre as quais se assenta essa concepção de texto.



Terminada esta primeira aula, o que consegui aprender com essa leitura?! Será que o meu ponto de vista sobre linguagem, língua, texto, sujeito, interação é o mesmo que eu tinha antes de fazê-la? E sobre as diferentes perspectivas da concepção de texto, o que consegui adicionar ao meu conhecimento? Bem! Pensando nessas e em outras questões, acho que eu deveria fazer mais uma leitura, com mais atenção, deste texto, procurando grifar os aspectos mais relevantes dessa nossa primeira aula. Ah! Vou, também, tentar ministrar uma aula para mim mesmo.



PRÓXIMA AULA

Na aula seguinte, você terá como foco discussões sobre a forma como vem sendo tratado um diálogo em torno de grandes temas, como cognição, texto/discurso e contexto enquanto fenômenos onipresentes nas práticas comunicativas dos sujeitos sociais. Até aqui, fizemos um percurso que procurou centrar-se na apresentação de discussão e/ou reflexão sobre algumas questões básicas que, no momento, têm permeado trabalhos acerca de estudos sobre concepções de linguagem, texto, sujeito, interação, sentido que subjazem à maioria das propostas analítico-discursivas na Linguística de Texto e seus desdobramentos.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel. **A linguística Textual: introdução à análise textual dos discursos**. São Paulo: Cortez, 2008.
- BENTES, Anna Christina. Linguística Textual. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____.; RAMOS, Paulo; ALVES FILHO, Francisco. Enfrentando desafios no campo de estudos de texto. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. **Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010.
- BORBA, Valquíria C. Machado. Resenha de “Cohesion in English”, de Halliday e Hasan. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. v. 4, n.6, março de 2006. ISSN 1678 – 8931 [WWW.revel.inf.br].
- BRONCKART, Jean Paul. Interacionismo sócio-discursivo: uma entrevista com Jean Paul Bronckart. **Revista Virtual de Estudos da linguagem – ReVEL**. vol. 4, n. 6, março de 2006. Tradução de Cassiano Ricardo Haag e Gabriel de Ávila Othero. ISSN 1678 – 8931 [WWW.revel.inf.br].
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães et al. Dimensões textuais nas perspectivas sociocognitiva e interacional. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. **Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto 2008.
- GOMES-SANTOS, S. N. et al. A contribuição da(s) teoria(s) do texto para o ensino. In: BENTES, A. C; LEITE, M. Q. (Org). **Linguística de Texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010.

- HANKS, W. F. **Língua como prática social**: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin; organização Anna C. Bentes, Renato C. Rezende, Marco A. R. Machado. São Paulo: Cortez, 2008.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Linguística textual: uma entrevista com Ingedore Villaça Koch. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**. – ReVEL. Vol. 1, n.1, agosto de 2003. ISSN 1678 – 8931 [WWW.revel.inf.br].
- _____. **O texto e a construção dos sentidos**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- _____. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. **Introdução à linguística Textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. **As tramas do texto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- _____; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.
- _____; MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Processos de referência na produção discursiva**. Delta, n. 14, p. 169-90, 1998.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Rumos atuais da Linguística Textual**. Texto da conferência pronunciada no LXVI Seminário de Estudos Linguísticos de São Paulo (GEL). UNESP, São José do Rio Preto, junho, 1998.
- _____. A construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização. In: MIRANDA, Neusa Salim; NAME, Maria Cristina (Orgs). **Linguística e cognição**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005. p. 49-77.
- _____. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucena, 2007
- _____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editora, 2008.
- _____. **Linguística de texto**: o que é e como se faz. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009.
- MONDADA, Lorenza. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In: KOCH, J.V.; MORATO, E.M.; BENTES, A.C. (Orgs). **Referência e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 11-32.
- VAN DIJK, Teun Adrianus. Cognição, discurso e interação. Organização e apresentação de Ingedore G. Villaça Koch. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004. (Caminhos da Linguística).